

sangue novo

Haile Selassie: o litoral gaúcho em rap e reggae

Joana Luna Camargo

“Uma hora vai sair algo muito bom daqui”. Foi esse o pressentimento que Haile Selassie teve ao ouvir pela primeira vez o instrumental que viraria 2006, reggae que se tornou o grande divisor de águas de sua carreira. Aos 19 anos, natural de Capão da Canoa, o artista já soma cinco anos de trajetória musical, três mixtapes e dois videoclipes - o mais recente, ainda em finalização, para o próximo single, *Amante do Sol*.

A história por trás de 2006 nasce de uma sequência de coincidências. Selassie guardava havia meses a batida, enviada por um produtor gringo, Ez Music, esperando a ideia certa para usá-la. Chegou a esboçar um primeiro

refrão, inspirado numa garota da turma da escola, mas a letra não avançou. Então, num show de reggae em sua cidade natal, conheceu Laís, que ao vê-lo cantar clássicos do The Wailers, duvidou de sua idade - até conferir a carteira de identidade. “Ela olhou e falou: ‘tu és de 2006, um bebê’”, relembra rindo. A cena ficou martelando em sua cabeça até que, no dia seguinte, o refrão saiu de uma vez: “As mulheres da praia querem mais do que um 2006”, canta. A faixa ainda o impulsionou nas redes sociais, entre o Instagram e o TikTok, plataformas em que Selassie posta vídeos curtos dublando trechos de suas músicas - ampliando seu alcance para além da Capão da Canoa onde vive.

A primeira influência veio do



DARLEI ZANELLA/DIVULGAÇÃO/JC

Entre mixtapes e videoclipes, Selassie busca seu público nas redes sociais

pai, que o apresentou a Bob Marley ainda na infância. Na adolescência, o funk entrou em cena por influência dos colegas do colégio, e foi só mais tarde, já na pandemia, que o reggae voltou à sua vida. O rap, porém, foi o gênero escolhido quando decidiu gravar de fato, com letras em cima de instrumentais

gratuitos encontrados na internet. Hoje, Selassie recusa rótulos fixos e já pensa em buscar novos gêneros musicais para brincar, projetando experimentar com o pop rock e sonoridades mais melódicas.

Ainda começando sua vida em cima dos palcos, o que ele intitula como primeira apresentação

aconteceu antes mesmo da primeira mixtape, em sua formatura do 9º ano, dentro da prefeitura de Capão da Canoa, a convite da professora de matemática. Ao lado do colega Yuri, responsável pelo *beatbox*, apresentou um rap sobre a turma para uma plateia de cerca de 200 pessoas, incluindo o então prefeito. Hoje, já mais acostumado com o público, recorda do show lotado no clube Luvre Xangri-lá, no inverno de 2025, com o coletivo musical do qual fazia parte - hoje já dissolvido. “Foi a primeira vez que as pessoas me viram completamente sem timidez”, atesta.

Selassie conta que o processo de composição é gradual, anotando ideias soltas e frases no caderno ou no bloco de notas do celular, à espera de um instrumental ou de uma linha de melodia que as una. “No final, é como montar um quebra-cabeça”, descreve. Outro método que utiliza é do freestyle direto em estúdio, gravando linha por linha até formar a música.

Para o verão, o plano é lançar seu primeiro álbum completo, projeto conceitual dedicado à própria cidade natal. “Eu quero trazer as histórias de Capão, esse lado cultural que existe, só que as pessoas hoje em dia não se interessam tanto.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz para você dicas de como aproveitar da melhor maneira o fim de semana em Porto Alegre. Seja curtindo a cultura da cidade na rua ou em casa, longe da chuva, o que não falta é coisa divertida para fazer.



Para este fim de semana, convido os leitores do JC a viajarem pelas ruas que foram palco para a genialidade de Qorpo Santo, um dos maiores dramaturgos do País e que teve em Porto Alegre a inspiração para sua obra. Esta é a ideia da primeira edição do projeto Caminhos Literários, da Biblioteca Pública do Estado. Guiado pelo ator e diretor Zé Adão Barbosa, o público vai percorrer ruas do Centro Histórico em um roteiro que remonta à Porto Alegre do século XIX. A participação é gratuita e sem necessidade de inscrição. O ponto de encontro será no Theatro São Pedro, sábado, às 10h, de onde a caminhada seguirá por mais cinco locais fundamentais na história do escritor.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura do JC



Independente de chuva ou sol, minha dica para esta sexta-feira é o show de estreia do Maurício Chaise no Tutti Giorni, bar ícone da cultura porto-alegrense. Acompanhado do baixista Lucas Juswiak, do baterista Lucas Leão e do tecladista Murilo Moura, Maurício prepara repertório de sons autorais de sua antiga banda Locomotores, além de canções brasileiras dos anos 1970, de nomes como Erasmo Carlos e Patrulha do Espaço. O show terá a participação especial da cantora landra Cattani, e a entrada é franca, com contribuição espontânea. A abertura é do blueseiro David Russowsky, junto do guitarrista Rodrigo Chaise. A casa abre às 18h e o som começa cedinho, às 19h.

Joana Luna Camargo,
repórter-aprendiz do JC



Estarei fora da cidade neste final de semana, envolvido com a cobertura do Jornal do Comércio para o Festival de Cinema de Gramado. Mas, se estivesse em Porto Alegre, cogitaria fortemente ir ao Grezz na sexta-feira, para conferir a celebração aos 10 anos da Hard Blues Trio - uma das mais incansáveis bandas da atualidade, que leva seu blues rock a quem quer que se disponha a assisti-los, em qualquer canto do Estado e além. A noite vai ser de festa, com convidados e uma *jam session* bem democrática, na mais pura pegada blues - e é sempre bom prestigiar quem ainda acredita na vida na estrada, nesses tempos em que a música parece cada vez mais um entretenimento de sofá.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Um dos assuntos que mais mexeu com as redes sociais nesta semana é a versão que a cantora Anitta gravou para *Bichos Escrotos*, dos Titãs. Embora seja um clássico do rock nacional, a canção parece fora do radar de muitos fãs mais jovens da cantora - com direito a vídeos no TikTok apontando que a música teria sido feita com IA ou com “um sorteio de palavras”. Sem entrar na polêmica sobre conhecer ou não manifestações artísticas mais antigas, fica a dica para este final de semana de chuva: que tal tirar um tempo para curtir, pela primeira vez, um artista do passado, alguém de quem você só ouviu falar mas nunca escutou, leu ou assistiu? Pode ser a chance de se surpreender.

Isadora Jacoby,
editora do GeraçãoE